

Animatógrafo

N.º 74 (3.ª SÉRIE) — LISBOA, 7 DE ABRIL DE 1942 — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS — PREÇO: 50 CTVS

FILMES PRECISAM-SE

A época que atravessamos é única na nossa história. Seja em que campo for da actividade nacional os processos, as directrizes e as idéias têm de ser moldados segundo as circunstâncias de momento, adaptados às necessidades existentes da hora que passa.

Os erros, o marasmo de ontem, as dúvidas e os temores que por costume se levantavam não servem de momento.

Esses erros, esse marasmo, essas dúvidas repetiam-se porque os elementos opinantes eram sempre os mesmos.

Hoje impõem-se consultas novas. Necessitam-se opiniões mais largas, mais vastas sobre cinema. Sobre principalmente a idéa cinema integrada no momento que a nação atravessa.

O momento é da acção. O momento exige aventura, audácia, persistência e força de vontade.

As idéias de ontem não servem. Os números de ontem estão errados porque a situação do país é diferente.

O movimento impulsionador do cinema está integrado na idéa geral da renovação das actividades do país.

Têm de falar sobre ele todos que nessa renovação geral intervêm.

O sentido exacto das necessidades do momento das possibilidades novas da nação é o único guia, o conselho mais útil, mais seguro, mais verdadeiro.

Todos sabem que a produção estrangeira vai faltar.

Hoje, amanhã, qualquer dia a crise tem de se dar. Só dentro de anos retomará o seu ritmo habitual.

Não podemos esperar pelo dia do seu retorno. Temos que substituir o filme estrangeiro pelo filme nacional.

Vão ser precisos filmes. Venham filmes, feitos por nós com material adquirido por nós, que outros não puderam aproveitar; com artistas nossos, técnicos nossos e capitalistas nossos.

Não vamos fazer filmes para acabar com a produção estrangeira, mas para ocupar um lugar vago pela sua ausência, proveniente duma situação para a qual fomos e somos felizmente dos cinco países do Mundo que nunca deram um passo para a criar, mas antes a pretenderam evitar pelo exemplo da sua irrepreensível conduta.

Mas desde que essa situação se criou, para mal de todos, temos de aproveitar essa circunstância para trabalhar para marcar uma posição que não signifique renúncia, mas virilidade.

Não podemos nem queremos isolar-nos, mas queremos caminhar, vencer e trabalhar.

Não podemos parar. Não podemos nem devemos esperar melhores dias.

Quando esses dias vierem a nossa posição tem de ser outra — mais forte, mais nossa, mais portuguesa.

Quando os outros voltarem, nós cá estamos ocupando o lugar que só

a nós pertencia e que os nossos erros lhe tinham cedido.

Eles serão recebidos com sincera alegria mas dentro dos limites que o desenvolvimento da indústria nacional lhes consinta.

Não aceitaremos somente. Trocaremos, na medida do possível, o nosso bom pelo bom deles, o nosso fraquinho por todo esse fraquinho que também temos aceite.

Isto não é patriotismo exagerado. Isto é defender, pugnar, zelar pelos interesses de todos que vivem e trabalham no cinema. Isto é fazer com que nada falte a quem tudo procura.

O pão do espírito ou o pão da boca, tem que ser ganho por nós, angariado por nós, com os nossos recursos com a nossa actividade.

O Cinema é necessário. Não vem de fora. Arranja-se cá dentro, aproveitando, recrutando, mobilizando todas as nossas energias, vocações, tendências e aptidões.

Basta de lamúrias sobre a nossa pobreza.

Nos momentos mais cruciantes da nossa história, soubemos sempre encontrar nos nossos recursos a força que nos impôs, perante todos, e soube vencer as mais terríveis provações.

Essa força, ressurgirá de novo em todos os campos em que tivermos necessidade de a impor.

Agir e seguir em frente consoante a idéa unânime que hoje felizmente preside ao ressurgimento do País.

O momento é único, disse A. L. R. É este momento que não deixamos perder sem um protesto veemente.

É este momento que não consente perder tempo em elogios escusados, ou ficar de braços cruzados à espera do desfêcho da última discussão sobre o caso do cinema.

É neste momento que têm de intervir em defesa do cinema todos, absolutamente todos, para quem a idéa do revigoramento da nação não fez parte dum grupo mas da união de todas as consciências sãs do País.

A indústria do cinema não tem confronto com outras indústrias, mas se quiserem fazer confronto, que ele se faça com a única idéa de saber qual a indústria que mais depressa se organizou, se engrandeceu e se impôs.

Essa comparação vamos fazê-la. O cinema venceria estamos certos.

Porque acerca da opinião de meia dúzia para quem ainda a inveja, o sectarismo, servem de base às suas opiniões existe a corrente formidável do público, esse grande público que paga o seu bilhete. Este está com a nação, este quer filmes.

Este tudo fará para não se sujeitar ao regime de espectáculos de cinema racionados.

Confiantes na grande força da nação um único caminho existe: Agir em frente e depressa.

SILVA BRANDÃO

Mais um filme português

AS FILMAGENS DE «O Costa do Castelo» DEVEM TERMINAR ESTA SEMANA



Uma fotografia de trabalho de «O Costa do Castelo». Arthur Duarte dirige os artistas enquanto Aquilino Mendes espreita pelo visor

O CINEMA PORTUGUES CONTINUA!... assim se escreveu na dupla página do suplemento ao n.º 1 da 2.ª série de «Animatógrafo» a propósito do filme «Pôrto de Abrigo». De então para cá o Cinema Português continuou e bem, produzindo-se neste espaço de tempo o maior número de filmes de que há memória desde o advento do cinema sonoro em Portugal.

A Tobis Portuguesa depois de iniciar a produção de «Lóbas da Serra» já estreado, produziu «Ala Arriba», em vésperas de estreia, e «O Costa do Castelo» cujas filmagens devem terminar esta semana.

«Animatógrafo» é um jornal de cinema que defende acima de tudo o Cinema Português acompanhando com o maior interesse e largo desenvolvimento informativo a realização dos filmes nacionais. Terminando esta semana, se o tempo o permitir, as filmagens de «O Costa do Castelo» era dever dizê-lo aos nossos leitores. Não o quisemos fazer numa notícia perdida entre as muitas que semanalmente damos. A conclusão das filmagens dum filme português sem pára nós o mesmo valor que o seu início ou a sua estreia.

Por isso mesmo lhe damos o relêvo que merece.

Quisemos também que a notícia viesse acompanhada de mais alguma coisa e fomos até ao Lumiar para ouvir da boca de Arthur Duarte, o realizador do filme o que era indispensável que ouvíssemos para o podermos transmitir aos nossos leitores.

Não temos por hábito dizer coisas que assim não são e por isso não vamos dizer que a Tobis estava em plena laboração, que haviam muitos projectores dispersos, que ao entrarmos a porta da Hollywood portuguesa encontramos a vedeta A ou B que saía no seu carro levando ao colo o seu cachorro preferido que o actor C conversava animadamente com D que tinha vestido um elegantíssimo fato de sport, etc. etc....

Vamos relatar com a maior simplicidade o que vimos e ouvimos no estúdio da Tobis Portuguesa.

Ouvindo Artur Duarte

— Foram filmar uns planos para a Costa do Castelo mas devem estar a chegar — diz-nos José Malveira o homem que desde a fundação da Tobis Portuguesa ali trabalha dirigindo neste momento a construção dos últimos cenários de «Costa do Castelo».

Enquanto esperámos por Arthur Duarte com quem tínhamos interesse em falar demos uma passeata pelos terrenos do estúdio.

Soubemos que na sala de projecção estavam a passar em sessão privada o filme de Leitão de Barros «Ala Arriba».

A ela assistiam o dr. Rodrigues Pinto administrador-delegado da Tobis, João Ramos, proprietário do S. Luiz, Fernando Santos gerente da Sonoro Filme, o nosso camarada de redacção Fernando Fragoso secretário de produção da Tobis, o realizador, o montador e mais alguns colaboradores.

Pouco tardou Arthur Duarte. Sentados frente a frente demos início ao all nos levara.

É certo que terminam esta semana as filmagens?

— Espero que sim, de resto estamos ainda dentro do plano estabelecido. Previmos doze semanas de trabalho e esta é a undécima.

Oxalá o tempo se mantenha bom. E já agora deixe-me dizer-lhe uma coisa que vai parecer-lhe paradoxal: a facilidade com que têm decorrido todos os trabalhos e a não existência do menor contratempo tem banalizado a execução do filme. Tudo decorre como havíamos previsto antes de se iniciarem as filmagens e nada veio ainda perturbar a boa marcha dos trabalhos.

Deve-se bastante a Saint Léonard o excelente resultado obtido. Armando Malveira foi também um grande colaborador e só tenho que lamentar que circunstâncias da sua vida particular o tenham impedido de cooperar nas filmagens.

Entrevistado para «Animatógrafo» Arthur Duarte fala do seu filme e faz declarações sobre o Cinema Português

«O Costa do Castelo» é uma comédia não é verdade?

— Depende. Se me perguntar se se trata duma comédia a fugir para a farça dir-lhe-ei que não. Se quiser saber a que género dentro da comédia o filme pertence posso dizer-lhe que é uma alta-comédia. Tem os seus problemas e as suas soluções.

O público vai rir com as situações em que os personagens se encontram. Não há neste filme as habituais idéias dos realizadores, os seus desarrançados, os seus rodriguinhos. Há sim uma acção de tal modo condensada que se fosse necessário era impossível cortar uma só cena.

Existe uma história que se pretende contar bem contada.

— Sendo uma peça de teatro acha que o seu valor anedótico possui as condições suficientes para que resulte bem em cinema?

— Absolutamente. A peça é uma comédia agradável de que se aproveitou a intriga numa feliz adaptação cinematográfica.

João Bastos e Fernando Fragoso que adaptaram a peça original do primeiro fizeram um trabalho digno de elogios. Enquanto que no teatro «O Costa do Castelo» se desdobrava em dois quadros no cinema tem nada menos de vinte e quatro quadros tantos são os décors interiores não fallando nos exteriores, onde decorre a acção.

— A escolha da peça de João Bastos para um filme obedeceu a alguma intenção especial?

— Sim. A opinião dos capitalistas é de que o público precisa de divertir-se e vai em maior número ver uma comédia do que um drama. Consideram que a comédia é o género que se deve fazer neste momento.

No entanto eu preparava um outro filme: «Pena de morte» mas era um drama...

Estando na última semana de filmagens o filme deve estar portanto bastante adiantado?

(Conclui na 2.ª pág.)



Uma cena do filme, Milú, Mendonça de Carvalho e Fernando Ribeiro (de costas) conversam

(Continuação do número anterior)

O homem que vê estas coisas e a mulher que também as contempla, dia a dia, estão recebendo em suas mentes uma gota de água que ao cabo de algum tempo deforma as mentes, ainda as mais sólidas.

Porque, pelo Cinema, o homem que vive no recanto mais afastado do mundo recebe uma magnífica lição de anatomia feminina e a mulher contempla na tela o herói que é sempre um marido pateta que nada exige e paga sempre.

As boas esposas do Cinema quase sempre executam os seus labores domésticos em cozinhas que parecem recheadas de abouoirs e com toda a espécie de máquinas, que utilizam para as mais variadas tarefas. E este apeachmento falso acorda dentro da alma da mulher impulsos de rebelião, gritos de independência para se libertar do jugo do dever diário.

Este exótico (que algumas vezes salda normas anteriormente esquematizadas) cria nas gentes um estado de descontentamento. A maior parte dos esposos não são Gretas Gargos e quasi todos os maridos não estão conformes os esposos da tela.

Além disso, o epanorama que o Cinema apresenta é outro dos factores que promovem a nostalgia longínqua de um mais além que não existe. A vida rotineira da pequena cidade move-se dentro de limites bastante estreitos. A contemplação destas perspectivas faz sonhar com cenários inverosímeis e aborrecer o lugar onde se movem as nossas vidas com toda a sua crua realidade.

Motivo de sobra para o descontentamento.

Esta nova arte-indústria entrou em

EXISTE O «GRETAGARBISMO»?

toda a parte com intensidade e criou massas enormes de seres que se consideram deslocados.

Ao caminhar por esta pista criada pela civilização moderna, o homem resulta economicamente mais rico e espiritualmente anémico. A vida interna, a força de receber patadas emocionais, vai adquirindo uma couraça que necessita fortes estímulos externos para que produza dentro de nós alguma reacção. Assim, surgiu e propagou-se o *sensacionalismo*, a publicidade de morbida do Cinema. Actualmente são estimulantes mais fortes que o café, o tabaco e o alcool. A força de viver sob o influxo destas potências, convertemo-nos em seres preguiçosos. Penaliza-nos caminhar grandes distâncias e usamos o automóvel (não importa que seja difícil de pagar). Lemos os jornais, ouvimos a rádio e, assim, recebemos notícias e ideias previamente digeridas e observadas pelos magnates da publicidade. Então, para que nos damos ao cuidado de pensar?...

A opinião do mundo está sindicada. Olha-se a vida sem um sorriso nos lábios. O riso é pecado.

Constituímo-nos num exército de seres débeis e onde podem germinar as mais variadas perturbações.

E ao passear-se entre as anomalias que regista a Medicina *psicossomática*, veio-me à ideia o meu amigo, o bom pastor, aquele mestre que comentava

de maneira tão sábia os transtornos que originam os desgostos, a verrinice, os dissabores e não me foi possível esquecer uma frase na qual o grande filósofo sintetizava a investigação da ciência actual:

«Não há maior mal que o descontentamento de cada um...»

A doutrina do dr. Júlio Cantala não é nova. Teve outros adeptos, alguns dos quais pessoas de nomeada, cujos argumentos levantaram polémica, mas que também repousam já na vala comum das ideias ócas, ou — melhor ainda — das ideias aceitáveis, mas servidas por idealistas parciais e incompetentes.

Não devemos errar muito se, de início, fizermos esta correção: onde o dr. Júlio Cantala diz *descontentamento*, devia ter dito *ambição*. De resto, é o próprio explica o significado do termo *descontentamento*, chamando-lhe *ambição não satisfeita*. Mas, para levar a água ao seu moinho e complicar as coisas, esquece-se dessa definição em todo o arrazoado. Assim, toda a sua argumentação cal pela base. Os pobres mortais, que frequentam as salas de espectáculos cinematográficos, não constituem turba de descontentes. Quando muito cada um deles será um ambicioso.

A descoberta dum mundo melhor (felta nos cinemas) não gera descontentes, indivíduos que vão para casa chorar a triste sorte de viverem como vivem. Pelo contrário, o espectador de Cinema, perante a visão dum mundo recheado de coisas mais belas e melhores, fica a padecer do mesmo mal, que enferma quem lê jornais e revistas, quem ouve a telefonía, quem olha para as montras apetitosas dos armazéns e das lojas — que outro não é senão o desejo de melhorar a sua existência, vestindo e calçando com mais elegância, deitando-se em leitos mais confortáveis e, para abreviar — usufruindo do produto dum civilização e dum progresso de que o cinema não é o único a fazer a propaganda. É, portanto, inexacta a afirmação de que o veículo principal que propaga tal estado de insatisfação é o Cinema».

Por outro lado, é hoje da sabedoria das nações que, mediante melhor ou pior argumentação, se considera o Cinema a 7.ª Arte. De resto não tem sido pequeno o número dos que industrializaram essa arte ao ponto de mal a podermos identificar. Mas o que nunca se poderá dizer é que «o cinema é uma manifestação industrial com pretensões artísticas» e que «não é uma arte porque é desprovido de espontaneidade». Quanto a esta última opinião (pois já destruímos a primeira) perguntaremos: qual é a arte que se pratica com espontaneidade? Nenhuma. Para sermos mais exactos, corrigiremos a resposta, corrigindo a pergunta: Em todas as artes a espontaneidade não é questão essencial. As grandes obras-primas são, regra geral, rebuscadas, corrigidas, refeitas e amadurecidas.

No que toca à moralidade «sui generis» do cinema, devemos concordar que ela é produto da imaginação do dr. Júlio Cantala. O próprio cinema americano, culpado de muitos erros dessa natureza, em 99% dos casos é dum moralidade lapidar. As fitas

mais rudimentares de Hollywood (consideradas — injustamente quanto a nós — como tal as de «cow-boys») são escrupulosas em questões de moral.

Somos de opinião que o «Gretagarbismo» é um mito. Mais do que isso: um produto da época, que tem os dias contados. A política da *vedeta* tende a desaparecer. As grandes «fábricas de flússes» reconheceram já a necessidade imperiosa de apresentar todos os dias caras novas. Uma das razões essenciais dessa nova política é o facto de não haver hoje quem seja capaz de decorar, como há 15 ou 20 anos, todos os nomes das «estrelas». Antigamente, era possível coleccionar-se retratos de todos os artistas de cinema. Eles eram meia-dúzia; contavam-se pelos dedos. Era fácil referir na memória a pequena lista de nomes famosos.

Hoje, com o extraordinário desenvolvimento da indústria fílmica, os estádios viram-se na necessidade de multiplicar as listas do pessoal. Há artistas, em Hollywood, que nunca vimos ou em que nunca reparámos; e alguns deles são célebres, tão célebres como o Clark Gable e o Tyrone Power. Essa multiplicação trouxe como resultado imediato a impossibilidade de fixar milhares de nomes.

Fenómeno curioso e que todos podem verificar, esse da falência da política das *vedetas*. Noutros tempos ia-se ver o artista fulano. Hoje vai-se ver, sobretudo, o filme tal. E certo existirem ainda restos dessa admiração por este ou por aquele actor; mas, apenas restos.

O «Gretagarbismo» ainda vigora, mas é let que espera revogação, embora esta venha mais longe do que supomos.

Mas, seja como for, não é ao «Gretagarbismo» que devemos atribuir as culpas de haver (a pesar das horas agradáveis que o Cinema nos proporciona como espectáculo) alguns descontentes, dos quais o dr. Cantala é exemplo singular e misterioso, pois desconhecemos as verdadeiras razões que o levaram a detestar a 7.ª Arte ao ponto de a comparar à peste — pior que o cancro.

Sim, é caso para perguntar: «Que mal lhe fez o Cinema para mostrar tamanho descontentamento doutor?»

RAÚL FARIA DA FONSECA

LISBOA-FILME apresenta sábado no



Condes

o sensacional
filme
espanhol

''CARMEN (A DE TRIANA)''

uma criação inolvidável da extraordinária vedeta espanhola

Império Argentina

COM Rafael Rivelles, Manuel Luna e milhares de figurantes



Um filme violento no ambiente castiço da Andaluzia

Realização de FLORIAN REY

O que nos disse ARTHUR DUARTE

(Conclusão da 1.ª pág.)

— Mais uma vez a organização metódica e cuidadosa facilitou muito a tarefa.

Não houve o mais pequeno entrave. O Conselho de Produção — outra inovação estabelecida neste filme — tem acompanhado muito de próximo todos trabalhos. Todas as semanas é projectado o que está feito.

Posso afirmar-lhe que vinham como é hábito dizer-se «de faça afiada» e em vista da qualidade de material não tiveram remédio senão guardá-la. Antes assim. É bom para todos.

Os intérpretes têm correspondido à sua confiança?

Absolutamente. De todos quero destacar Maria Matos num papel que interpreta de maneira extraordinária e onde vai como só ela sabe. Ir António Silva no *Costa* é outro grande artista que sabe valorizar a personagem que lhe compete. Milú e Fernando Ribeiro duas revelações. Tereza Casal num papel ingrato, mas que defende muito bem. Manuel Santos Carvalho e outros fazem parte do elenco deste filme onde há sempre ocasião para evidenciar o valor do artista. Herminia Silva a popular fadista dos nossos teatros de revista tem neste filme um papel curioso.

Um reparo: o fado no «Costa do Castelo» é apenas uma caricatura alegre e jovial que por certo vai agradar.

Dois artistas há neste filme que são duas figuras da vida real: Maria Olgim e João Silva. O público quando for ver o filme compreenderá o meu entusiasmo.

Dos técnicos?

— Consegui-se organizar na equipe técnica de «O Costa do Castelo» um grupo de rapazes de indiscutível valor. São eles com grande parte o grande êxito de organização do filme. Compreenderam o que era preciso e têm-no cumprido.

Saint Leonard profissional de grande valor é um deles. Lamento a necessidade de o ter dispensado da equipa de filmagem para o seu cargo de montador, mas o praso da sua estadia em Portugal vai expirar e é preciso que o filme esteja pronto dentro da data prevista.

Aquilino Mendes na fotografia, Sousa Santos no som, Raul Faria da Fonseca nas maquetas dos cenários, Antero Faro na decoração, José Malveira na construção dos cenários, Júlio de Sousa na caracterização, cargo que pela primeira vez assume sozinho num filme e de que se sai muito bem, Raul Campos e Afonso Costa dois excelentes pintores, além de todos os ouga, Oscar Acúrcio, etc., deram o melhor do seu saber da sua vontade e da sua amizade.

As canções são de António Melo e a música de fundo de Jaime Mendes.

As letras são de João Bastos com uma canção de Silva Tavares.

Façam-se filmes portugueses

— Crê que «O Costa do Castelo» vai constituir um êxito?

— Nunca se sabe. Posso porém dizer que tenho bastante confiança. Se assim não fosse nunca o faria.

— O desenvolvimento do Cinema Português deve interessar-lhe bastante, concorda portanto que cada vez devemos produzir mais e que o seu filme apesar de ser feito numa altura em que se estrearam três filmes seguidos e um em vésperas de exibição não vai constituir um desastre de exploração?

— Se partisse do princípio que a fita desse prejuízo nem sequer propunha a sua execução aos produtores.

O maior número de filmes portugueses não nos pode prejudicar, pelo contrário só nos beneficia.

A execução de filmes em sistema de continuidade é a melhor forma de obter um bom equilíbrio comercial.

Sendo um realizador sou também um comerciante de cinema. Para mim um filme é bom se constitui êxito comercial e é mau se é fracasso.

Pode o filme que fracassou na bilheteira ter excepcionais qualidades que para mim é um mau filme.

«Os Fidalgos da Casa Mourisca» era um mau filme segundo a opinião de muita gente, mas posso garantir-lhe que foi um bom filme para os produtores. Deu dinheiro: eis tudo.

Arthur Duarte levanta-se e fala a um dos empregados. Da escada que conduz à sala de projecções ouvem-se vozes e risos. Desce o dr. Rodrigues Pinto. Vem sorridente. Terminar a projecção de «Aia, arriba!».

Arthur Duarte despede-se de nós e sobe a escada. Vai iniciar-se a projecção de «O Costa do Castelo» para o Conselho de Produção.

Afastamo-nos. Aquilino Mendes aparece ao pé de nós.

Conversámos um pouco e como era inevitável falámos no «Costa do Castelo».

Aquilino Mendes declara-se pouco à vontade com o género de filme. Não se sente bem, mas enfim, do mal o menos.

Gostaria de trabalhar num filme de ambiente dramático. Mas nem sempre as coisas correm à medida dos nossos desejos.

— O Duarte sim. O efeito vai ser inesperado. É o melhor trabalho dele. Despedimo-nos. Aquilino Mendes sobe para a projecção.

Saimos a porta do estúdio e cá fora pensámos sobre várias coisas. demos uma volta e entramos outra vez. Encontrámos Leitão de Barros e um táxi até à porta de sua casa conversámos sobre cinema.

Cinema Português, claro está.

JOAO MENDES

